

*Relatório Parcial de Pesquisa de Iniciação
Científica*

*A multidão na antiglobalização: captura e alternativa das
resistências na sociedade de controle*

Bolsista

Maria Raquel Santos Simão

Orientador

Edson Passetti

SUMÁRIO

1.Relatório das Atividades.....	3
1.1.Atividades desenvolvidas.....	3
1.1.1.Apresentação do Relatório.....	3
1.1.2.Atividades Relacionadas ao Grupo de Pesquisa.....	3
1.1.3.Atividades Relacionadas ao Projeto.....	3
1.1.4.Seminários dos Projetos Temáticos.....	4
2.Relatório Científico.....	5
2.1.Apresentação do Relatório Científico.....	5
2.1.1 Resultados Preliminares.....	7
2.1.2. Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e Ação Global dos Povos (AGP)	7
2.1.3. Dias de Ação Global ao Redor do Mundo – Seattle, Praga e Gênova.....	8
2.1.4. Grupos, Táticas, Black Block Divergências e Cisões.....	10
2.2. Desdobramentos dos movimentos antiglobalização.....	16
2.2.1 Fórum Social Mundial – Origens.....	16
2.2.2 Onze Anos de Fórum Social Mundial – Temas, Alternativas e Influências.....	20
2.2.3 Críticas e Inquietações.....	24
2.3. Eventos relacionados a Pesquisa.....	28
2.4. Cronograma de trabalho da segunda parte da pesquisa.....	29
Referências.....	31
Anexo.....	33

1.RELATÓRIO DAS ATIVIDADES

1.1. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

1.1.1. APRESENTAÇÃO DO RELATÓRIO

O presente relatório tem o objetivo de descrever as atividades realizadas no último semestre com relação ao andamento da minha pesquisa de iniciação científica *A multidão na antiglobalização: captura e alternativa das resistências na sociedade de controle* e as atividades relacionadas ao projeto temático Fapesp *Ecopolítica: governamentalidade planetária e resistências na sociedade de controle*.

1.1.2. ATIVIDADES RELACIONADAS AO GRUPO DE PESQUISA:

Durante estes seis meses realizei a tabulação de notícias – digitalizadas - do jornal *Folha de S. Paulo* referentes à temática do meu fluxo: Penalização a Céu Aberto. Essas notícias eram relativas ao primeiro bimestre do ano de 2010. Também tabulei notícias – impressas – do mesmo jornal, porém referentes à temática do fluxo: segurança.

1.1.3. ATIVIDADES RELACIONADAS AO PROJETO:

Aula Teatro 10: Loucura

Dia 17 e 18 de outubro.

VII Colóquio Internacional Michel Foucault – PUC/SP –

Mesa 01: Data – 24/10/2011

Desrazão, cini/smo e Enkrateia: José Luis Câmara Leme (Universidade de Lisboa)/

Loucura e desrazão: Peter Pál Pelbart (PUC-SP)

Mesa 09: Data – 27/10/2011

Michel Foucault e a anti-psiquiatria: Guilherme Castelo Branco (UFRJ)

Loucura e transtornos: políticas normalizadoras: Edson Passeti (PUC-SP)

Política e fissuras sobre crianças e jovens: psiquiatria, neurociência e educação: Salete Oliveira (PUC-SP)

Também foi produzido um relatório sobre as mesas referentes.

1.1.4. SEMINÁRIOS DOS PROJETOS TEMÁTICOS

Vera Schroeder: *Resistências e Subjetividades* – dia 19 de outubro de 2011

Guilherme Castelo Branco: *Sujeição, Assujeitamento e Subjetividade* – dia 28 de outubro de 2011

Acácio Augusto: *Protestos globais, internet e os novos movimentos* parte II – dia 16 de novembro de 2011

Edson Passeti: *O ingovernável* – 21 de novembro de 2011

Margareth Rago: *Reinvenções de si e criações culturais nos feminismos contemporâneos* – dia 28 de novembro de 2011

Beatriz Carneiro: *Meio Ambiente e Jogos de Verdade* – 5 de dezembro de 2011

Thiago Rodrigues: *Segurança e Novas Institucionalizações* – 8 de dezembro de 2011

Lúcia Helena Rangel: *Situações dos Povos Indígenas no Brasil* – 12 de dezembro de 2011

Foram produzidos fichamento sobre cada um deles. Inquietações diversas também foram causadas.

2. RELATÓRIO CIENTÍFICO

2.1. APRESENTAÇÃO DO RELATÓRIO CIENTÍFICO

Nestes seis meses de pesquisa o foco principal foi o levantamento bibliográfico. Os títulos e obras foram pesquisados na biblioteca da PUC-SP e na internet, o Google foi a ferramenta principal para a seleção de sites.

A minha proposta inicial nesse relatório era discorrer, brevemente, sobre as inspirações dos movimentos antiglobalização e logo após focar em um dos desdobramentos no Brasil, que foi o Fórum Social Mundial. Esse enfoque seria feito desde sua criação, passando a analisar cada um deles, de forma a expressar a suas metodologias e depois compará-los entre si, apontar os integrantes que foram cruciais para a criação do Fórum, e como esses deram prosseguimento para mantê-lo, mapear os apoiadores e associar a importância do Fórum para o governo Lula (2002-2010) também estavam nos planos. Vale lembrar que o primeiro Fórum Social Mundial foi no ano de 2001 e o último em 2012, porém

neste relatório as análises são feitas levando em consideração o período de 2001 até a de 2011.

Porém, quando dei início a minha pesquisa lendo uma das dissertações de mestrado que me foi indicada, que era “Poder e resistências: movimentos da multidão – uma cartografia dos movimentos antiglobalização.” de Bruno Leonardo Andreotti, percebi que para entender o funcionamento do Fórum Social Mundial, era preciso uma discussão maior dos movimentos que o antecederam, do que simplesmente discorrer sobre as suas inspirações. Pelo menos para o meu entendimento, era necessário uma espécie de “apanhado” que percorre desde a insurgência do Exército Nacional de Libertação Zapatista até a Ação Global dos Povos e os Dias de Ação Global, e quais foram os desdobramentos para confluir, enfim, na criação do Fórum Social Mundial no Brasil.

Portanto, utilizei um tempo maior para discutir estas questões, que foram baseadas principalmente no capítulo dois da dissertação de mestrado citada acima, denominado: *A Ação Global dos Povos e os Dias de Ação Global*. A dissertação como um todo foi (e é) de grande importância, porém nesse momento inicial me mantive mais focado em tal capítulo. O livro *A guerrilha surreal* de José Chrispiniano também ajudou para o estabelecimento da sucessão de fatos, apesar do afastamento que mantive de algumas posições do autor.

O interesse pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) acabou me direcionando para o livro *Nem o centro e nem a periferia – sobre cores, calendários e geografias do Subcomandante Insurgente Marcos*.

Durante essas leituras, acompanhei trechos da parte três (Democracia) do livro *Multidão – Guerra e democracia na era do Império* de Michel Hard e Antonio Negri, que é fundamental para o decorrer dessa pesquisa, e se faz necessário um maior tempo dedicado a essa leitura.

Para embasamento teórico, fiz leituras de Foucault no livro *História da Sexualidade – Volume I*, no capítulo: *Direito de morte e poder sobre a vida* e de Deleuze, no livro *Conversações, capítulo V*, afinal, situo grande parte dos movimentos antiglobalização inseridos na Sociedade do Controle, o que não quer dizer que esses não possuem algumas características das Sociedades Disciplinares, como é um processo, os resquícios se mesclam. Hakim Bey também fez parte de minhas leituras, com o livro *Zona Autônoma Temporária*.

2.1.1 RESULTADOS PRELIMINARES

2.1.2. EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIERTAÇÃO NACIONAL (EZLN) E AÇÃO GLOBAL DOS POVOS (AGP)

É indispensável discorrer sobre o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), pois foi inspiração para os movimentos antiglobalização. Em

janeiro de 1994, um exército de indígenas se apresenta ao público, localizados dentro de uma das regiões mais pobres do México. Apesar da criação do grupo estar associada ao dia 1º de Janeiro de 1994, eles já existiam há dez anos, porém sem a denominação apresentada. Composto por uma mescla de pessoas vinham de diferentes etnias indígenas, todos possuíam sua origem das comunidades de Chiapas.

O Exército Zapatista de Libertação Nacional ganha (EZLN) ganha notoriedade no cenário mundial quando se coloca contra ao Tratado Norte-Americano (NAFTA). “As reivindicações dos zapatistas por dignidade, democracia e autonomia, o fato de não reivindicarem o controle do Estado, nem de formarem uma Vanguarda ou um Partido marcam diferenças claras com o modelo de organização marxista-leninista.”¹. A postura contra o neoliberalismo também é claramente observada, independente de apresentar divergência com o modelo de organização marxista-leninista.

Tais posturas inspiram os movimentos que estão sendo criados nesse momento. O próprio desdobramento das ações do EZLN contribui para a eclosão desses novos movimentos. Como a convocação em 1996, para o primeiro “Encontro pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo”, que ocorreu no sudeste Mexicano. Em resposta, mais de 6000 pessoas de diferentes

¹ ANDREOTTI, Bruno. 2009: pg 62

movimentos compareceram. Devido ao sucesso do primeiro, um novo encontro em 1997, na Espanha, e em 1998 em Genebra.

A partir deste último encontro “é lançada uma coordenação mundial de resistência contra o mercado globalizado, que objetiva servir como um instrumento de comunicação e coordenação das lutas contra o mercado global e construção de alternativas locais que ficou conhecida como AGP.”²

A Ação Global dos Povos (AGP) apesar de nascer inspirada no EZLN, vai percorrer seu próprio caminho, possuindo: uma carta de princípios básicos, princípios de organização e seu manifesto, esses três documentos citados definem a AGP. Posteriormente irei retomar a carta de princípios aqui citada, para poder estabelecer uma comparação com a de outro movimento. Vale lembrar que a postura que a AGP assume é contra o capitalismo e é uma das primeiras organizações que se coloca diretamente contra a Organização Mundial do Comércio.

2.1.3. DIAS DE AÇÃO GLOBAL AO REDOR DO MUNDO – SEATTLE, PRAGA E GÊNOVA

^{2 2} ANDREOTTI, Bruno. 2009: pg 62

Além das conferências anuais e discussões promovidas pela AGP, essa também teve como papel organizar e coordenar ações de protestos de vários movimentos sociais. Os Dias de Ação Global nasce desta conglomeração de inquietações contra o capitalismo e proporcionam manifestações com ações diretas que vão contra o modelo de mercado globalizado. Entre as ações que promovem, é comum a tentativa de causar a impossibilidade de encontros entre organizações que compactuam com esse tipo de globalização.

O primeiro dos Dias de Ação Global ocorre em maio de 1998 em Birmingham, no Reino Unido, e em Genebra, na Suíça. A data é escolhida de forma proposital, afinal na primeira cidade estava marcado o encontro do G8, enquanto em Genebra, a Organização Mundial do Comércio (OMC) também tinha encontro marcado. As manifestações duraram três dias e ocorreram concomitantemente.

Em 18 de Junho de 1999 na Alemanha, ocorre o início do segundo dia de Ação Global, denominado como “J18” ou “18 de junho”. A data foi determinada levando em consideração o encontro do G8 na cidade de Köln. No mesmo ano, na Índia, em Bangalore acontece a segunda conferência da AGP. Em meio a muitas discussões, ocorre alteração nos três documentos principais da Ação Global dos Povos “(...) que expande o “antiliberalismo” da AGP para “anticapitalismo”; o primeiro identificado como uma postura contra a

administração neoliberal do capitalismo, o segundo como uma oposição ao capitalismo enquanto sistema de dominação.”³

Além dessa mudança, é durante a conferência que emerge o chamado para o “30 de novembro” ou “N30” impulsionado pelo sucesso dos movimentos anteriores. Novamente se mantém a proposta de determinar o local das manifestações pautadas em encontros entre organizações que de alguma forma estejam associadas ao mercado globalizado e contribuem para a manutenção deste. O “N30” ocorrerá em Seattle, coincidindo com o terceiro encontro da Organização Mundial de Comércio (OMC).

Os protestos contemplaram mais 700 organizações e 75 mil pessoas, em resposta, observa-se o cancelamento da reunião da OMC. Apesar das diretrizes sobre a ação-direta sem o uso da violência, certas organizações não se sujeitaram a se comportar desta maneira, usando do argumento que não estavam presentes quando o assunto foi acordado.

2.1.4. GRUPOS, TÁTICAS, BLACK BLOCK, DIVERGÊNCIAS E CISÕES

Aqui se faz necessário citar a importância dos Black Block, que apesar de atuar em outras manifestações, como na Alemanha no final da década de 1970 e início da de 80, agindo contra a violência que os policiais praticavam com

³ ANDREOTTI, Bruno. 2009: pg. 63

aqueles que não possuíam onde morar e acabavam por ocupar prédios abandonados, também surgem nas manifestações pós desastre de Chernobyl, que protestavam contra o uso da energia nuclear e a Guerra Fria e o FMI, respectivamente em 1987 e 1988. Dez anos antes de aparecerem, em Seattle, em 1999, surgem pela primeira vez em manifestações nos Estados Unidos, contra o Pentágono, mais tarde contra o mercado financeiro de Wall Street e por fim os Black Block se manifestavam contra a invasão do Iraque durante a Guerra do Golfo.

A palavra tática para os Black Block é de extrema importância, pois é assim como se definem, afastando a imagem de grupo ou organização que os rodeiam. Retomando as manifestações em Seattle, como já foi dito, eles aparecem em 1999, com ajuda da Seattle Anarchist Response. Apesar da associação direta com práticas violentas, pode-se dizer que não é dado como regra, manifestações não violentas também podem fazer parte das ações do Black Block, porém a postura que possuem perante a ação violenta da polícia nunca é uma resposta pacífica, o enfrentamento direto nunca é descartado. Em Seattle essa tática foi de extrema importância, vale lembrar que o Black Block não é constituído apenas por anarquistas.

Eram alvos de inúmeras críticas por adeptos das ações diretas não-violentas, que acusavam as práticas de destruição de propriedade proporcionadas pelo Black Block como deslegitimadoras do confronto com a

polícia. Os críticos acreditavam que ações violentas por parte dos manifestantes, concederia o “direito” de resposta da polícia, o que não condiz com a realidade, como já foi visto, em muitos protestos, a ação inicial da polícia era violenta.

O motivo desta ênfase na importância dos Black Block está no desdobramento de suas ações e o que elas trazem como consequência para o contexto atual.

“É que a partir desse momento ocorre uma cisão dentro do movimento dos movimentos, e mais do que isso, uma discriminação entre as táticas. Alguns grupos adeptos da ação direta não-violenta, em grande parte membro das ONGs, mas também os próprios anarquistas que passam a reconhecer e partilhar da diferença entre ação direta violenta e não violenta, não cessarão de argumentar o quanto a violência deslegitima o movimento e causa a reação da polícia, enquanto os adeptos da ação direta, e aqui não se coloca qualquer qualificação ao termo (...) não cessarão de argumentar o quanto as suas ações são legítimas, levando os protestos para um nível radical (...)”⁴

Com o fim dos protestos em Seattle em 1999, os Dias de Ação Global ganha uma enorme notoriedade, e trazendo os “movimentos antiglobalização” novamente para esfera dos intelectuais, possibilitando uma ampliação nos estudos desses.

As manifestações não cessam, entre os dias 15 e 17 de Abril de 2000, protestos contra a reunião do Banco Mundial e do FMI ocorrem em Washington. Apesar da nomeação de “A16” seguindo o modelo dos Dias de

⁴ ANDREOTTI, Bruno. 2009: pg. 63

Ação Global, essa ficou restrita a cidade citada acima. Apesar das dificuldades enfrentadas, as reuniões ocorreram. A presença do Black Blocks se fez mais uma vez presente, com a alteração de sua estratégia comparada a utilizada em Seattle, contribuindo para uma ampliação no número de pessoas envolvidas nas manifestações organizadas pelos Black Blocks. Porém as críticas da ala pacifista continuavam sem cessar.

Em maio de 2000 em Londres, o Dia de Ação Global inaugura uma situação, acontece sem coincidir com nenhuma reunião entre instituição ou grupo capitalista. Conhecido como “1º de Maio de 2000” ou “MayDay2000”. Apesar de não ser convocado pela AGP conta com ela para se sustentar. Vale lembrar que as manifestações não ocorreram apenas na capital do Reino Unido, expandiram-se para diversos lugares do mundo, como de costume. Porém, inovando também nos resultados, o “MayDay 2000” foi considerado um fracasso.

Retomando aos moldes comuns (tanto como em estratégias como motivo das escolha das datas) para evitar o fracasso do último, acontece em Praga no dia 26 de setembro de 2000 o próximo Dia de Ação Global, conhecido como “S26”. Na data marcada, aconteceriam reuniões do Banco Mundial e do FMI. O chamado mais uma vez não foi pela AGP, e sim por uma conglomeração de coletivos, grande parte deles anarquistas, porém ONGS também tiveram a sua participação. A AGP teve como papel disseminar e expandir o chamado. Nesse

momento ocorre a formação da INPEG (Iniciativa contra a Globalização Econômica). A reunião não foi cancelada, porém teve seu fim mais rápido do que se esperava. A repressão policial em Praga foi maior do que em outros momentos, apesar disso o “S26” foi tido com sucesso, afastando o desastre do “MayDay 2000”.

A data e o local do próximo Dia de Ação Global denominado como “A20”, foram escolhidos para que coincidissem com uma reunião de cúpula dos presidentes americanos. Marcado para o dia 20 de abril de 2001, o local seria em Quebec no Canadá e nesse encontro ocorreria uma discussão sobre a introdução do Acordo de Livre-Comércio das Américas (ALCA). O “A20” contou com algumas diferenças dos anteriores, o chamado não foi feito pela AGP e nem por nenhuma grupo específico, e sim por diversos delas, porém nota-se uma independência entre os protestos. ONGs, alguns sindicatos e associações anarquistas estão dentro deste leque.

Vale lembrar que entre o fim do “S26” e o início do “A20” protestos com grande importância ocorreram, o primeiro situado em Cancun, em fevereiro de 2001, enquanto a reunião do Fórum Econômico Mundial ocorria, encerrada antes do previsto, apesar do número não tão alto de pessoas nas manifestações. Os protestos ocorreram também contra o Fórum Global da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Com o fim do “A20” e a espreita do “J20” que ocorre em Gênova, a onda de protestos continua. O Banco Mundial e o FMI teriam encontros marcados para Junho de 2001 em Praga, levando em contas as manifestações, o local é alterado para Barcelona, porém, nem chega a ocorrer. Na Suíça, um Reunião da União Europeia também é motivo para protestos, a repressão da policia é como sempre violenta, porém deixa um alerta para os novos movimentos.

O “J20” em Gênova lida com um cenário bastante conturbado, devido a contundência da ação policial violenta, inclusive reprimindo duramente o Fórum Social de Gênova, “já um desdobramento do primeiro Fórum Social Mundial realizado em 2001, em Porto Alegre.”⁵ . Motivo pelo qual as manifestações começam ocorrer antes do dia 20 de Julho, foram poucos os dias que os grupos tiveram para se organizar e estabelecer alianças, vale lembrar para que elas ocorressem, mais uma vez foram levadas em considerações as questões de tática e as respectivas formas de ação de cada um dos grupos. Apesar da intensa repressão policial, os protestos não cessam, e tem o intuito de causar o fechamento da reunião do G8. “O confronto entre a polícia e os manifestantes tem seu ápice na morte de Carlo Giuliani, estudante de 23 anos de idade participante dos protestos, elevado a condição de mártir.”⁶.

⁵ ANDREOTTI, Bruno. 2009: pg 93

⁶ ANDREOTTI, Bruno. 2009: pg 94

Desde as manifestações em Seattle a ação dos Black Blocks se fez presente, não sendo diferente nesse último, além disso é importante frisar que na maioria dos Dias de Ação Global, os protestos se expandiram para outras partes do mundo, salvo exceções. E também é necessário expressar a importância da “Reclaim the Streets” (RTS), que se coloca como um dos principais grupos que atuam de forma incisiva dentro da AGP, o grupo organiza alguns dos chamados para os Dias de Ação Global.

Durante o caminho percorrido até então, certas coisas saltaram-me os olhos. Retomando ao primeiro Dia de Ação Global, em 1998, antes mesmo do “J18”, os protestos não eram reduzidos a marchas, existiam táticas de confronto direto, era possível observar uma espécie de “humor” durante essas manifestações, como os protestos carnavalescos, de maneira alguma isso tira a importância das ações desses movimentos, pelo contrário, me fez indagar os motivos das mudanças tão gritantes se compararmos com alguma das inúmeras marchas observadas no ano de 2011, na cidade de São Paulo.

“Nota-se que embora as ações diretas tenham o objetivo de protestar e impedir as reuniões do G8 e da OMC, elas clama não pela reforma do sistema, mas sua abolição. Não reivindicam nada, se há alguma reivindicação ela é derivada, está sem segundo plano, o que está em jogo é uma atitude de afirmação e um modo de resistir.”⁷

⁷ ANDREOTTI, Bruno. 2009: pg 72

A AGP durante suas conferências na Índia e na Bolívia, promoveu alterações em sua Carta de Princípios, como já foi citado em outros momentos. O que acho válido expressar é uma indagação de Bruno Andreotti quanto as diferentes posturas assumidas por grupos envolvidos nesses movimentos, e como são cruciais para entender o desdobramento e captura de alguns.

"(...) Se é contra o mercado globalizado e desregulado ou contra o capitalismo? É a primeira vertente, antiliberal, que podemos classificar como disposta a negociações, reformas, direitos, etc., já a segunda, anticapitalista, tende a uma postura de confronto que foge às tentativas institucionalizadoras e instucionalizantes. Embora resolvida com uma mudança de termos as posturas antiliberais e anticapitalistas se misturam e se confundem nas ações da AGP. Essa ambigüidade só será resolvida nos Fóruns Sociais Mundiais, em que uma postura antiliberal é assumida como própria do movimento (...)"⁸

Ainda destaco a importância da ação dos Black Blocks durante esses movimentos,

"Muitos manifestantes têm-se queixado de que a violência de uns poucos incita a polícia, monopoliza as manchetes e eclipsa as mensagens de muitos, além de criar divisões entre os manifestantes. Isto certamente é verdade mas deveremos reconhecer que os meios de comunicação voltam sua atenção para os protestos por causa da violência."⁹

Em tal citação Hardt e Negri retomam a discussão da ação dos Black Blocks em Seattle e a crítica por parte daqueles que julgam os atos como não

⁸ ANDREOTTI, Bruno. 2009: pg 64

⁹ NEGRI, A. e HARD, M. 2004: pg 363

legítimos dando uma espécie de “direito” como já foi dito a ação violenta da polícia (como se fosse possível desassociar essas duas palavras).

A parte que quero focar é nessa “divisão entre os manifestantes”. A cisão se inicia nos protestos de Seattle e ficam escancaradas em Gênova.

“A partir desse momento as posturas se dividem: uns apostando nessa divisão entre os ativistas mais radicais, que continuamente são identificados como os anarquistas dentro do movimento; um equívoco, pois, como vimos, uma parcela dos anarquistas eram praticantes de ações diretas não violentas, e dos mais moderados, identificados como membros de partidos ONG’s e sindicatos, outros apostando na necessidade dessas duas posturas permanecerem unidas. O fato é que as duas tendências se mostram irreconciliáveis após o “J20”, pois há uma intenção cada vez mais acentuada dos chamados moderados, para engrossarem as fileiras dos Fórum Sociais Mundiais, em isolar-se da parte “violenta” do movimento e também uma intencionalidade de vincular a violência do movimento aos anarquistas e mais precisamente aos Black Blocks.”¹⁰

Apesar de ser uma citação longa, acho essencial para entender como essa “cisão” se desdobra no que vai confluir para a criação do Fórum Social Mundial, além de expor qual será o tipo de postura adotada pelas pessoas que farão parte desse movimento e como as ações do Fórum irão se encaixar perfeitamente dentro dessa lógica reformista e moderada, que busca alternativas e jamais, a destruição do sistema.

¹⁰ ANDREOTTI, Bruno. 2009: pg 96

2.2. DESDOBRAMENTO DOS MOVIMENTOS ANTIGLOBALIZAÇÃO

2.2.1. FÓRUM SOCIAL MUNDIAL - ORIGENS

O Fórum Social Mundial (FSM) surge em 2001, e não descarta a importância dos movimentos descritos acima como inspiração, por exemplo, os Dias de Ação Global em Seattle, porém se diferenciam em suas origens e propostas, o FSM vai desenvolver um discurso baseado na formulação de alternativas ao capitalismo. Se compararmos tal postura com a dos primeiros protestos organizados pela AGP em maio de 1998, a diferença é gritante, esses não clamavam por reformas e sim abolições.

Para a compreensão do surgimento do FSM é necessário retroceder a outros movimentos, dessa vez, o foco cairá sobre o Fórum Mundial das Alternativas¹¹ que aparece em 1997. A mescla de movimentos sociais e

¹¹ O Fórum mundial das alternativas (FMA) é uma rede internacional de centros de pesquisa e de intelectuais militantes do sul e do norte criado em 1997. O seu objetivo é o apoio aos processos de convergência dos movimentos sociais e o surgimento de alternativas de desenvolvimento democrático, plurais e duradouros à mundialização neoliberal e à diversas formas de discriminação ou de dominação. O FMA vê na ação conjugada dos movimentos cidadãos, nas suas reivindicações e nas experiências socioeconômicas e nas políticas alternativas que estes utilizam, as linhas de força de uma democratização em profundidade do sistema mundial, para além dos embriões de um modelo de sociedade justa e duradoura. O FMA insere em particular a sua ação nos processos dos foros sociais mundiais e regionais e nas dinâmicas sociais e políticas que estes geram. O Fórum mundial das Alternativas contribui para as lutas por outro mundo, elaborando em conjunto as ferramentas do conhecimento e da comunicação de estas lutas e abrindo espaços internacionais de debate em torno as estratégias políticas dos atores em luta, as estratégias alternativas de desenvolvimento e as experiências populares inovadoras. Estas ferramentas militantes e estes espaços de debate estão vocacionadas em primeiro lugar aos representantes dos movimentos sociais e das redes cidadãs

intelectuais se faz como uma das propostas iniciais, além do discurso reformista que expressa diante a uma proposta de construção de alternativas ao capitalismo. É a partir desse movimento que o FSM irá eclodir.

A iniciativa de se realizar um Fórum Econômico Mundial vem ocorrendo desde 1971, no ano de 1999 a cidade escolhida para sediá-lo foi Davos, a data coincide com um encontro organizado propositalmente pelo “Fórum Mundial das Alternativas realiza juntamente com a ATTAC, o CCCAMI (Coordenação Contra os Clones do Acordo Multilateral sobre o Investimento) e a seção latino-americana da Saprin”¹² além da reunião, uma coletiva de imprensa também foi chamada e o evento ganhou o nome de Outro Davos.

Vale lembrar que nesse Fórum Econômico seriam discutidos assuntos referente ao Acordo Multilateral de Investimentos (AMI), que começava a ser redigido em Paris, com representantes de 29 países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento (OCDE), além de cinco observadores. O acordo previa criar uma teórica Constituição Mundial do Capital, privilegiando obviamente os países ricos, garantindo possibilidades como a de exploração dos

convencidas de que a internacionalização das lutas –a mundialização de baixo- é a única maneira de derrubar as relações de força impostas pela elite global - chamada capitalista, neoliberal ou Império - para manter uma ordem mundial injusta e insustentável. Mais informações em [http:// www.forumdesalternatives.org](http://www.forumdesalternatives.org), último acesso em 05 de dez. de 2011.

¹² ANDREOTTI, Bruno. 2009: pg 96

recursos, especialmente no Terceiro Mundo, onde os “privilegiados” fariam seus teóricos investimentos sem contar com qualquer tipo de dever.

O Fórum Social Mundial nasce em resposta ao Fórum Econômico Mundial e suas discussões, do desdobramento do evento “Outro Davos”. Os nomes vinculados a articulação do primeiro FSM são: Bernard Cassen¹³, Francisco Whitaker¹⁴ e Oded Grajew¹⁵. Em acesso ao site do Fórum, o seguinte comunicado é expresso:

“Conforme define sua Carta de Princípios, o Fórum Social Mundial é um espaço internacional para a reflexão e organização de todos os que se contrapõem à globalização neoliberal e estão construindo alternativas para favorecer o desenvolvimento humano e buscar a superação da dominação dos mercados em cada país e nas relações internacionais. O FSM se reuniu pela primeira vez na cidade de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, entre 25 e 30 de janeiro de 2001, com o objetivo de se contrapor ao Fórum Econômico Mundial de Davos. Esse Fórum Econômico tem cumprido, desde 1971, papel estratégico na formulação do pensamento dos que promovem e defendem as políticas neoliberais em todo mundo.

¹³ Membro do conselho científico do ATTAC e do Conselho internacional do Fórum Social Mundial. Colaborou para o jornal Le Monde, antes de juntar-se à redação do jornal Le Monde Diplomatique em 1973.

¹⁴ Whitaker foi presidente da Juventude Universitária Católica do Brasil entre os anos de 1963 a 1964. Atuou como diretor de planejamento da reforma agrária no governo de João Goulart, adotou a postura contra a ditadura em 1967. Se filiou ao Partido dos Trabalhadores em 1988, sendo eleito vereador pelo PT a uma vaga na Câmara Municipal de São Paulo. Atuou como líder do governo de Luiza Erundina. Em 2006, desliga-se do partido. Contribuiu durante a organização do Projeto Ficha Limpa nas eleições de 2008. Também fez parte do conselho consultivo do Wikileaks, porém não está mais ligado com essa organização.

¹⁵ Empresário israelense, foi assessor especial do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva entre os meses de janeiro e novembro em 2003. É membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social.

Sua base organizacional é uma fundação suíça que funciona como consultora da ONU e é financiada por mais de 1.000 empresas multinacionais. O Comitê Organizador do FSM 2001 foi formado por oito entidades brasileiras: Abong, Attac, CBJP, Cives, CUT, Ibase, MST e Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. Foi criado também um escritório, em São Paulo (Brasil), que, desde 2000 até os dias de hoje, apóia e dá suporte ao processo FSM, ao Conselho Internacional (CI) do FSM e suas comissões aos comitês organizadores dos eventos anuais do FSM.”¹⁶

A parte que mais interessa aqui, além de discorrer sobre o Primeiro Fórum Social Mundial que ocorre em 2001 na cidade de Porto Alegre no Brasil, e também comentar sobre a postura contra a globalização neoliberal, incluindo uma breve explicação sobre o Fórum Econômico Mundial, são as entidades que apóiam esse primeiro momento do Fórum, muitas delas apoiaram também a ação promovida pelo “Fórum Mundial das Alternativas.”

A ATTAC (Ação pela Tributação das Transações Financeiras em apoio aos Cidadãos) teve apoio do jornal Le Monde Diplomatique para a sua fundação e 1998 e teve forte atuação dentro do Fórum Social Mundial, tanto que Bernard Cassen (um dos fundadores do Fórum Social Mundial) está como um dos que articularam a criação do FSM e também teve um cargo no Conselho Científico da ATTAC.

¹⁶Mais informações em <<http://fsm10.procempa.com.br/wordpress/>>, último acesso em 05 de dez. de 2011

2.2.2. ONZE ANOS DE FÓRUM SOCIAL MUNDIAL – TEMAS, ALTERNATIVAS E INFLUÊNCIAS

O primeiro Fórum Social Mundial, como já foi dito, ocorre na cidade de Porto Alegre no Brasil, nos dias 25 a 30 de janeiro do ano de 2001, segundo consta no site do FSM¹⁷ sobre o evento realizado, os temas discutidos na primeira edição foram: “A produção de riqueza e a reprodução social”, “O acesso às riquezas e à sustentabilidade”, “A afirmação da sociedade civil e dos espaços públicos” e “Poder Político e ética na nova sociedade”.

As conferências que ocorreram no ano de 2001 constam no site da Terra¹⁸. Considero importante expor a programação do evento neste relatório para a visualização dos grandes nomes que fizeram parte desse movimento que estava apenas começando (ANEXO1)

Nomes de extrema importância marcaram presença nas primeiras conferências promovidas pelo FSM: Milton Santos, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Marina Silva (PV), Frei Betto, além dos próprios criadores do evento como Oded Grajew e Bernard Cassen. Esses nomes são os que mais destoam ao meu ver, na primeira edição do evento.

¹⁷ (<http://www.terra.com.br/noticias/forumsocial2001>) acesso em 01/03/2012

¹⁸ (<http://www.terra.com.br/noticias/forumsocial2001>) acesso em 01/03/2012

No ano de 2002, a segunda edição do Fórum acontece na mesma cidade e com os mesmos temas da anterior, nos dias 31 de janeiro a 5 de fevereiro. A programação de conferências aumenta assim como a ampliação do evento. Destaco novamente o nome de Bernard Cassen, Francisco Whitaker e Boaventura dos Santos, porém a grande estrela foi Noam Chomsky, que na próxima edição também esteve presente. Luiz Inácio da Silva mais uma vez compareceu, assim como em todas as outras edições do Fórum Social Mundial no Brasil.

Em 2003, a terceira edição ocorre na mesma cidade, nos dias 23 a 28 de janeiro, porém os temas dessa vez mudam e aumentam: - Desenvolvimento democrático e sustentável; - Princípios e valores, direitos humanos, diversidade e igualdade; - Mídia, cultura e alternativas à mercantilização e homogeneização; - Poder político, sociedade civil e democracia; - Ordem mundial democrática, luta contra a militarização e promoção da paz. Vale lembrar que estes temas eram apenas eixos que direcionavam as discussões. Boaventura dos Santos novamente aparece, outros nomes de destaque foram: Eduardo Galeano, Marina Silva. Evo Morales, que deveria estar presente na conferência “Como Enfrentar o Império” no dia 27 de janeiro, não compareceu, justificando sua ausência com uma carta enviada à organização do Fórum Social Mundial 2003.

No ano de 2004, a quarta edição do Fórum Social Mundial apresenta uma grande mudança: o país onde o evento é sediado, o quarto Fórum ocorre em Mumbai, na Índia, entre os dias 16 a 21 de janeiro.

“Durante 2003, houve a constituição de diversas instâncias indianas responsáveis pela preparação local do FSM 2004: Conselho Geral Indiano (IGC), Comitê Indiano de Trabalho (IWC), Comitê Organizador Indiano (IOC), Comitê de Organização de Mumbai (MOC). O FSM 2004 contou com a presença de 74.126 participantes, representados por 1653 organizações de 117 países. Do total, 60.224 eram indianos. No Acampamento Intercontinental da Juventude, foram registradas 2.723 inscrições.”¹⁹

Os quatro primeiros temas aparecem dentro do eixo temático, enquanto o restante surge no interior de eixos denominados de transversais: - Militarismo, guerra e paz; - Informação, conhecimento e cultura; - Meio ambiente e economia; - Exclusão, direitos e igualdade; Globalização imperialista; - Patriarcado; - Regimes de castas e racismo e exclusões sociais; - Sectarismo religioso, políticas de identidade e fundamentalismo (comunalismo); - Militarismo e paz.

Em 2005, o Fórum volta para a cidade de Porto Alegre e ocorre entre os dias 26 e 31, contando cada vez com mais temas e eixos e atividades

autogestionadas²⁰. O destaque desse ano é Hugo Chávez. Na sexta edição do Fórum Social Mundial, outra mudança ocorre, o evento se torna policêntrico,

“ou seja, ocorreu de forma descentralizada, em diferentes lugares do mundo. Três cidades sediaram o FSM 2006: Bamako (Mali – África), entre 19 e 23 de janeiro de 2006, Caracas (Venezuela – América) e Karachi (Paquistão – Ásia), entre 24 e 29 de março de 2006. A edição de Karachi, originalmente, estava planejada para acontecer simultaneamente ao evento venezuelano. Porém, devido ao terremoto que atingiu o país em outubro de 2005, sua realização foi adiada por dois meses.”²¹

As atividades autogestionadas ganharam cada vez mais notoriedade, inclusive nesse Fórum. E, pela primeira vez, o Fórum Social é realizado em continente africano, na sétima edição do Fórum Social Mundial, entre os dias 20 e 25 de janeiro de 2007, em Nairóbi, Quênia.

“Foram definidos os nove objetivos gerais em torno dos quais foram organizadas as diversas atividades do FSM 2007.

1. Pela construção de um mundo de paz, justiça, ética e respeito pelas espiritualidades diversas; 2. Pela libertação do mundo do domínio das multinacionais e do capital financeiro; 3. Pelo acesso universal e sustentável aos bens comuns da humanidade e da natureza 4. Pela democratização do conhecimento e da informação; 5. Pela dignidade, diversidade, garantia da igualdade de gênero e eliminação de todas as formas de discriminação; 6. Pela garantia dos direitos econômicos, sociais, humanos e culturais, especialmente os direitos à alimentação,

²⁰ As atividades autogestionadas de acordo com os organizadores do Fórum Social Mundial são seminários e oficinas organizados pelos próprios participantes e entidades do Fórum. Para participar, criar uma oficina ou atividade, é necessário preencher um formulário disponível no site do evento (que em cada edição varia) e aguardar a resposta dos organizadores do Fórum. Contatos para dúvidas também são disponibilizados no site. Sobre isso ver: [\[http://www.forumsocialmundial.org.br/noticias_01.php?cd_news=3594&cd_language=1\]](http://www.forumsocialmundial.org.br/noticias_01.php?cd_news=3594&cd_language=1) último acesso em 25/02/2011

²¹ <http://fsm10.procempa.com.br/wordpress/?p=338> - último acesso em 19/02/2012

saúde, educação, habitação, emprego e trabalho digno; 7. Pela construção de uma ordem mundial baseada na soberania, na autodeterminação e nos direitos dos povos; 8. Pela construção de uma economia centrada nos povos e na sustentabilidade; 9. Pela construção de estruturas políticas realmente democráticas e instituições com a participação da população nas decisões e controle dos negócios e recursos públicos.”²²

O ano de 2008 não possui o evento centralizado, nem policêntrico, mas uma semana de mobilização e ação global foi criada, o dia 26 de janeiro seria o escolhido para direcionar a visibilidade do movimento

O Brasil volta a sediar o evento em 2009, na cidade de Belém, no Pará, entre os dias 27 e 1 de fevereiro. O Fórum cria o lema “Um outro mundo é possível” e contou com intelectuais importantes como Michel Hartd. Vale lembrar que a escolha do local foi totalmente associada à crise ecológica, com o evento em Belém, a Amazônia assume o primeiro plano, chamando a atenção para os problemas ambientais.

Em 2010, o Estado do Rio Grande do Sul volta a sediar o evento, porém, dessa vez, o descentralizado retorna, afinal o Fórum foi realizado em sete cidades gauchas entre os dias 25 e 29 de janeiro. As cidades foram: Canoas, Sapucaia do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Sapiranga e Gravataí. O discurso recorrente desta edição foi expor a idéia de que um mundo sustentável e solidário é possível, além das discussões sobre economia solidária.

²² <http://fsm10.procempa.com.br/wordpress/?p=338> - último acesso em 19/02/2012

Em 2011, o Fórum Social Mundial retornou à África, e dessa vez em Dacar; a capital senegalesa recebeu a edição centralizada entre 6 e 11 de fevereiro. O enfoque recaiu na história de resistência e luta dos povos africanos. Durante esse ano, pela primeira vez, o Fórum Social Mundial não ocorreu concomitantemente ao Fórum Econômico de Davos. Evo Morales, diferentemente do ano de 2003, compareceu a edição 2011 do Fórum Social Mundial. Luiz Inácio da Silva, também esteve presente.

2.2.3 CRÍTICAS E INQUIETAÇÕES

Após essa linha cronológica do movimento do Fórum Social Mundial, as mudanças aparecem com mais clareza, além de constatar os grandes nomes que passaram por esses eventos: Luiz Inácio Lula da Silva, que freqüentava o Fórum desde quando ainda não era presidente; Hugo Chávez (presidente da Venezuela), Evo Morales (presidente da Bolívia). Esses nomes remetem a políticos que possuem um governo pretensamente de esquerda. Embora seja discutível na prática, no plano discursivo todos lançam mão de elementos de uma política de esquerda populista. Com a participação desses políticos em um evento que se preocupa com a discussão de questões sociais e ecológicas, a imagem dos envolvidos é fortalecida.

Bonaventura de Sousa Santos, sociólogo de Coimbra, também aparece em muitas das edições do Fórum. Os próprios fundadores do Fórum, Noam Chomsky, filósofo e ativista político americano também foi um dos nomes que se destacaram na história do Fórum; Michel Hardt também está incluído nessa grande lista de nomes importantes para a história do evento. Por meio desses nomes e dos temas discutidos, o direcionamento e a proposta do Fórum e para qual caminho está caminhando se faz entender com mais facilidade, apesar da heterogeneidade que existe dentro do movimento.

Tendo em vista um panorama sobre os movimentos antiglobalização, e como esses confluíram para a criação do Fórum Social Mundial (apesar das diferenças claras que existem), a possibilidade de comparação entre o Fórum e todos os movimentos que o antecederam ajudam a compreender melhor a captura dos movimentos, inclusive do próprio Fórum.

O Fórum Social Mundial nasce inaugurando um afastamento do que eram os Dias de Ação Global, enquanto o primeiro surge com a ideia de reformar a globalização neo-liberal e buscar por alternativas e propostas, o que ocorreu em Seattle, retrata uma posição rupturista, com maior confronto e embate, além da importância dada a ação do protesto. (BRINGEL, B. MUÑOZ, E. 2010)

O FSM eclode em uma tentativa de abarcar as críticas daqueles que não enxergavam propostas nos movimentos vistos em Seattle, portanto com a

emergência do Fórum, cria um espaço de propor e discutir, um espaço onde se cultivam alternativas, porém, a forma é mais acuada e é pacífica.

As críticas ao Fórum Social Mundial começam, principalmente em relação à burocratização e institucionalização que existem nos encontros, a apropriação dos partidos políticos aos movimentos, como a presença de Lula e Chávez em suas edições (BRINGEL, B. MUÑOZ, E. 2010), como já foi descrito na tentativa de estabelecer uma linha cronológica do Fórum.

O FSM é alvo também de críticas que o acusavam de promover o evento para as elites, e em 2002 o evento discute mudanças para tentar solucionar tais problemas, na edição de 2004, o FSM, realizado na Índia em Mumbai, possui participação e alcance global. (BRINGEL, B. MUÑOZ, E. 2010)

Na próxima edição, em Porto Alegre, as críticas voltam ainda mais fortes, o que converge para uma mudança ainda mais escancarada; o próximo Fórum em 2006 fora descentralizado, com forma policêntrica em Mali, Paquistão e Caracas; em 2007, no Quênia, o FSM se colocou, segundo os críticos, de uma maneira descontextualizada, afinal, pareceu descolado da realidade do local. No ano de 2008, a pausa ocorre e é convocada apenas uma mobilização global, o esgotamento de propostas era visível. (BRINGEL, B. MUÑOZ, E. 2010)

No ano de 2009 a edição do FSM ocorre em Belém e a mesma crítica ocorrida no de 2007 é retomada. Para quem eram as propostas discutidas no FSM? A quem as interessava? O que a população local poderia aproveitar

daquilo tudo? Se muitas vezes, nem conseguiam pagar o ingresso de um evento o qual teoricamente se destinava para a elaboração de uma discussão de um mundo melhor e possível.

“Desde 2005, o Fórum Social Mundial ocorre apenas bianualmente (...). Nos anos pares do calendário, há, ao invés de um grande encontro de convergência, eventos menores, espalhados pelo mundo. Infelizmente, eles têm rareado. O FSM não foi capaz, até o momento, de estabelecer diálogo efetivo com as ações transformadoras que surgiram depois dele, em parte inspiradas em sua idéia de autonomia política.”²³

A Carta de Princípios do Fórum Social Mundial, outro documento importante a se analisar, é criada no dia oito de junho do ano de 2002, cita no artigo quatro que:

“As alternativas propostas no Fórum Social Mundial contrapõem-se a um processo de globalização comandado pelas grandes corporações multinacionais (...) Elas visam fazer prevalecer, como uma nova etapa da história do mundo, uma globalização solidária que respeite os direitos humanos universais, bem como os de tod@s @s cidadãos e cidadãs em todas as nações e o meio ambiente, apoiada em sistemas e instituições internacionais democráticos a serviço da justiça social, da igualdade e da soberania dos povos.”. ²⁴

A idéia de uma “globalização solidária” é totalmente contraditória, tal possibilidade é impensável, a globalização se consolida com relações competitivas e baseadas em consumo. Tal ação acaba legitimando cada vez

²³ <http://rede.outraspalavras.net/pontodecultura/2012/01/10/os-preparativos-para-o-forum-social-tematico-em-porto-alegre/> - último acesso (12/01/2012)

²⁴ Site: http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=4&cd_language=1 (25/11/2011)

mais a presença do Estado, a partir do momento que as pessoas em grandes grupos clamem por “direitos universais”, clamem por leis.

Dessa maneira, as ações ficam restritas e viciadas, sempre nutrindo o Estado e o sistema capitalista, tornando-se produto e discurso para vender “Quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência ou salvação (por exemplo, ter um Estado, ser reconhecido, impor direitos.)”²⁵.

Hakim Bey diferencia levante e insurreição de revolução, para o autor a última conta com uma trajetória padrão “revolução, reação, traição, fundação de um Estado mais forte e ainda mais opressivo -”²⁶, enquanto os historiadores enxergam as duas primeiras palavras como revoluções que fracassam. Hakim Bey não concebe tal definição, enxerga o levante como uma atitude de independência. Bruno Andreotti estabelece uma comparação entre os Dias de Ação Global como levante.

Na Carta de Princípios do Fórum Social Mundial consta o conceito de “globalização solidária” e que visa lutar pela pluralidade e pela diversidade: o Fórum Social Mundial surge e se desdobra como um espaço de propostas, buscando alternativas a esta globalização, e não sua destruição.

²⁵ DELEUZE, Deleuze, 2010: pg. 218

²⁶ BEY, Hakim, 2004: pg.15

Analisando estes onze anos de Fórum, constata-se como os temas discutidos interferem no país e no mundo. Isto é: propostas colocadas no Fórum que se transformaram rapidamente em ferramentas oficiais. Como já foi dito, muitos nomes importantes passaram pelo Fórum, e o discurso expressado muitas vezes ajudava a legitimar ações feitas por quem os pronunciavam isto é: muitos políticos que participaram do Fórum, tiveram sua imagem associada às questões sociais e com isso fortaleceram seus governos. O espaço de propor alternativas talvez esteja a propor soluções que são rapidamente incorporadas ao padrão. A alternativa está se transformando em oficial, se assim interessar ao Estado.

2.3. EVENTOS RELACIONADOS A PESQUISA

Compareci a Aula Aberta de Antropologia da Professora Rita de Cássia no Vale do Anhangabaú, sob o Viaduto do Chá no dia 20 de outubro. A proposta da aula foi divulgada pelo meio de comunicação “facebook” – Segue a descrição escrita na página do facebook.

“Nesta quinta-feira, às 9H30 e às 19H30, as aulas de Antropologia VI da PUC-SP ministradas pela profa. Rita Alves acontecerão junto ao ACAMPA SAMPÁ, atividade articulada ao movimento DEMOCRACIA REAL JÁ que integra a ampla movimentação mundial UNITED FOR GLOBAL CHANCE. A proposta é levar a Universidade ao encontro dessa interessante movimentação política e cultural, sair da sala de aula, ganhar a cidade e ocupar o espaço público; pretende-se, assim, renovar a reflexão sobre a cultura contemporânea, objeto de estudos da disciplina (cultura de massa, cultura metropolitana, midiática e digital;

articulação cultura/política, constituição das hegemonias, contra-hegemonias e hegemonias alternativas, o papel da cultura digital nestas lutas políticas e culturais.). A atividade é aberta, a universidade é aberta e os espaços públicos precisam ser ocupados.”

2.4. CRONOGRAMA DE TRABALHO DA SEGUNDA PARTE DA PESQUISA

Estabelecer uma comparação entre os Dias de Ação Global e as ações promovidas pelo Fórum Social Mundial, trabalhar a metodologia de cada um deles, desde o de 2001 até o de 2011. Associar a importância do FSM ao governo de Lula, Hugo Chavez e Evo Morales. Trabalhar o conceito de linhas moleculares, molares e de fuga, utilizados por Deleuze & Parnet, pois agora com um maior conhecimento dos movimentos que confluíram para o Fórum, percebo que tal conceito será aproveitado por mim. Associar esses movimento ao conceito de “multidão” de Hard e Negri. E aumentar a carga de leitura de Foucault, para poder introduzir conceitos dele no próximo relatório.

MES/ETAPAS	Mês 7	Mês 8	Mês 9	Mês 10	Mês 11	Mês 12
Leitura de bibliografia	X	X				
Acervo de notícias		X	X	X		
Produção (vídeos, eventos)		X	X	X	X	
Pesquisa de campo (marchas, eventos associado ao movimento "OcupaSampa")	x	X	x	x		
Reunião do projeto	X	X	X	X	X	X
Reunião com o orientador		X		X	X	X
Relatório final					X	X

REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, B., 2009. Poder e resistências: movimentação da multidão – uma cartografia dos movimentos antiglobalização. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. Brasil.

BEY, Hakim. TAZ: Zona Autônoma Temporária. São Paulo: Ed. Conrad Editora do Brasil, 2004.

BRINGEL, B. MUÑOZ, E. “Dez anos de Seattle, o movimento antiglobalização e a ação coletiva transnacional”. In: *Ciências Sociais Unisinos*. Porto Alegre: Unisinos, vol. 46(1):28-36, janeiro/abril 2010

CHRISPINIANO, José. A Guerrilha Surreal. São Paulo: Ed. Conrad Editora do Brasil, 2002.

DELEUZE, Gilles. Conversações. São Paulo: Ed. 34, 2010

FOUCAULT, Michel. “Direito de morte e poder sobre a vida” in *História da Sexualidade I : a vontade do saber*, Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

HARD, M. e NEGRI, A. Multidão – Guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro. Brasil. Editora AFILIADA, 2004.

Subcomandante Insurgente Marcos. in Nem o centro e nem a periferia – sobre cores, calendários e geografias, Org. Erahsto Felício e Alex Hilsenbeck. Tradução de Coletivo Protopia S.A e Danilo Ornelas Riveiro. Ed. Deriva, 2008.

<http://www.forumdesalternatives.org>,

<http://fsm10.procempa.com.br/wordpress/> > ,

<http://www.terra.com.br/noticias/forumsocial2001/>

<http://fsm10.procempa.com.br/wordpress/?p=338>

<http://rede.outraspalavras.net/pontodecultura/2012/01/10/os-preparativos-para-o-forum-social-tematico-em-porto-alegre/>

http://www.forumsocialmundial.org.br/main.php?id_menu=4&cd_language=1

(<http://www.terra.com.br/noticias/forumsocial2001>)

ANEXO 1:

Segue abaixo a programação de conferências que ocorreram entre os dias 26 e 29:

“Dia 26 de janeiro - CONFERÊNCIAS

1 - Como construir um sistema de produção de bens e serviços para todos?

- Victor de Gennaro (Argentina), Helena Hirata (Brasil), Jorge Beinstein (Argentina), Samir Amin (Egito/Senegal), Orlando Caputto (Chile), Francisco dos Reis (Argentina)

2 - Como traduzir o desenvolvimento científico em desenvolvimento humano?

- Paul Nicholson (Bélgica), Elvino Bohn Gass (Brasil), Jacques Testart (França), Rayén Quiroga Martinez (Chile), Suman Sahai (Índia), José Lutzemberger (Brasil)

3 - Como fortalecer a capacidade de ação das sociedades civis e a construção do espaço público?

- Francois Houtart (Bélgica), Frei Betto (Brasil), Park Hasson (Coréia do Sul), Diane Matte (Canadá), Mary Castro (Brasil)

4 - Quais são os fundamentos da democracia e de um novo poder?

- Ahmed Ben Bella (Argélia), Maria Vitória Benevides (Brasil), Patrick Viveret (França), Raul Pont (Brasil), Jeanine Anderson (Peru)

TESTEMUNHOS

Sala 1

- Miguel Lluco, coordenador nacional do Movimento Pachakutik e representante do Conselho Nacional Índios
- Jerry Adriane Santos de Jesus, índio Pataxó

Sala 2

- Dita Sari, líder estudantil, representante do Timor Leste

Sala 3

- Aloizio Mercadante, deputado federal pelo PT de São Paulo
- Saturnino Braga, Senador pelo PSB do Rio de Janeiro
- Jean Ziegler, Special Rapporteur on the Right to Food

Dia 27 de janeiro

CONFERÊNCIAS

1 - Que comércio internacional queremos?

- Bernard Cassen (França), Dot Keet (África do Sul), Walden Bello (Filipinas), Kjeld Jacobsen (Brasil), Mark Ritchie (Estados Unidos), Oded Grajew (Brasil)

2 - Como garantir o caráter público dos bens comuns à humanidade, sua desmercantilização, assim como o controle social sobre o meio ambiente?

- Roberto Kishinami (Brasil), Marina Silva (Brasil), Riccardo Petrela (Itália), Marcel Mazoyer (França), Ernesto Ladrón de Guevara (México)

3 - Como assegurar o direito à informação e a democratização dos meios de comunicação?

- Ignacio Ramonet (Espanha), Regina Festa (Brasil), Norman Solomon (Estados Unidos), Aruna Roy (Índia), Thimmoty Ney (Estados Unidos)

4 - Como democratizar o poder mundial?

- Fábio Konder Comparatto (Brasil), Kirsten Maller (Estados Unidos), Atilio Boron (Argentina), Anibal Quijano (Peru), Manoel Monereo (Espanha)

TESTEMUNHOS

Sala 1

- Luiz Inácio Lula da Silva, presidente de honra do PT
- Tabaré Vasquez, presidente da Frente Ampla do Uruguai
- Cuauhtemoc Cárdenas Solórzano, presidente da Fundación para La Democracia Alternativa Y Debate A.C.

Sala 2

- Ariel Dorfman, escritor chileno
- Hebe De La Bonfini, representante das Mães da Praça de Maio

Sala 3

- Nita Freire

Dia 28 de janeiro - CONFERÊNCIAS

1 - Como promover a universalização dos direitos humanos e assegurar a distribuição de riquezas?

- Kalaysh Satyarti (Índia), René Passet (França), Gigi Francisco (Filipinas), Joyce Phekane (África), Eduardo Suplicy (Brasil)

2 - Que sistema financeiro é necessário para assegurar a igualdade e o desenvolvimento?

- Yoko Kitazawa (Japão), Eric Toussaint (Bruxelas), Luciano Coutinho (Brasil), Robin Round (Canadá), Georgine Djeutane (Camarões), Denis Rivera (Estados Unidos)

3 - Quais os limites e possibilidades da cidadania planetária?

- Njorki Njehu, Boaventura de Souza Santos (Portugal), Ana Esther Cecenã (México), Hillary Wainright (Inglaterra), Sylvia Borren (Holanda)
- 4 - Qual o futuro dos estados-nações?

Ricardo Alarcón (Cuba), Maude Berlow (Canadá), Emir Sader (Brasil), Roberto Sávio (Itália), Michael Lowy (Brasil), Friedrich Mueller de Heidelberg (Alemanha)

TESTEMUNHOS

Sala 1

- Sandra Bermudez, representante das Rádios Comunitárias, Colômbia
- Mário Murilo, representante das Rádios Comunitárias, Colômbia

Sala 2

- Oscar Niemeyer, arquiteto
- Martim Langória, representante da Frente Continental de Organizações Comunitárias

Dia 29 de janeiro - CONFERÊNCIAS

1 - Como garantir as funções da terra?

- Dau Thé Thuan (Vietnã), Jacques Chonchol (Chile), Tânia Bacelar (Brasil), Andrzej Lipski (Polônia), Anuradha Mittal (Índia)

2 - Como construir cidades sustentáveis?

- Milton Santos (Brasil), Ermínia Maricato (Brasil), Cuauhtémoc Cárdenas Solórzano (México), Peter Marcuse (Estados Unidos), Luiz Eduardo Soares (Brasil)

3 - Como garantir as identidades culturais e proteger a criação artística da mercantilização?

- Alfredo Guevara (Cuba), Blanca Chancoso (Equador), Tariq Ali (Paquistão), Armand Mattelar (Bélgica), Aminata Traoré (Mali)

4 - Como mediar os conflitos e construir a paz?

- Nora de Cortinas (Argentina), Lucio Gutierrez (Equador), Samuel Guimarães (Brasil), Sérgio Yahni (Israel), Pedro Santana Rodrigues (Colômbia)

TESTEMUNHOS

Sala 1

- João Pedro Stédile, direção nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)
- José Bové, agricultor, militante ecológico e anti-militarista da Confederação Paysanne

Sala 2

- Danielle Mitterrand, presidente da Associação France Liberté
- Monica Santana, Coalizão dos Imigrantes Indocumentados EUA-República Dominicana

Sala 3

- Raí, presidente da Fundação Gol de Letra e ex-jogador de futebol
- Augusto Boal, escritor ²⁷

²⁷ <http://www.terra.com.br/noticias/forumsocial2001/> - último acesso em 19/02/2012